

## Avaliação: peça central da ‘modernidade escolar’

Luiz Dalmacir da Silveira<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0003-0790-7353>

FERNANDES, Domingos. **Avaliar para aprender: fundamentos, práticas e políticas**. – São Paulo: Editora UNESP, 2009.

Domingos Fernandes é professor e pesquisador na área de educação. É doutor em Educação Matemática pela Texas University e professor associado na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Sua experiência abrange o Departamento de Avaliação Pedagógica do Instituto de Inovação e o Departamento de Ensino Secundário de Lisboa, além de ser secretário de Estado da Administração Educativa do governo português. Foi professor do ensino fundamental e médio e, atualmente, contribui com a formação superior de muitos jovens portugueses. Palestrante e conferencista, é convidado a discursar sobre avaliação em vários países do mundo. Sua área de pesquisa vincula-se às discussões sobre políticas de educação e formação e avaliação educacional na Universidade de Lisboa. Diante de sua vasta experiência profissional e acadêmica na área de estudos sobre avaliação, Domingos brinda os seus leitores com sua obra *Avaliar para aprender: fundamentos, práticas e políticas*.

A obra, impressa e distribuída pela Editora UNESP Paulo, traz grande contribuição para a discussão sobre avaliação na educação. Seu lançamento foi em 2009, mas ainda hoje suas reflexões provocam o leitor a repensar os processos avaliativos nos ambientes educativos. Tanto que o próprio título já é uma provocação: *avaliar para aprender*. Segundo o autor, deve-se reinventar o ensino de forma que se possa (re)pensar a avaliação para melhorar a aprendizagem dos alunos. Defende que as aulas não devem seguir o mesmo ritmo o ano todo, mas deve mesclar diferentes momentos que ajudem o aluno a se situar no ambiente educativo e participar dele. Por isso, é importante diversificar as estratégias e os instrumentos avaliativos de acompanhamento

---

<sup>1</sup> Mestrando em Educação pela Universidade Cidade de São Paulo (UNICID) na área de Políticas Públicas e Avaliação da Educação. Possui PÓS-GRADUAÇÃO especialização *latu sensu* em Filosofia Contemporânea e GRADUAÇÃO Licenciatura Plena em História e GRADUAÇÃO Licenciatura Plena em Filosofia pelo Centro Universitário Assunção (UNIFAI). Atualmente é professor na rede particular de Ensino do Estado de São Paulo nas áreas de História e Filosofia para o ensino Fundamental II e Médio. Programa de Pós Graduação Mestrado em Educação, Área de Políticas Públicas e Avaliação da Universidade Cidade de São Paulo – UNICID – São Paulo, Brasi. E-mail: luizdalmacir@gmail.com

das crianças e jovens. Para isso os professores também precisam (re)aprender a falar mais em certos momentos e menos em outros, dando espaço para o protagonismo juvenil. Dentro deste contexto, o professor pode fazer uso da autoavaliação, ou seja, uma estratégia que permite aos jovens se expressar e conhecer as suas dificuldades, dando-se conta de que precisa melhorar. Por isso, não se aprende pela avaliação, mas pelo esforço em querer superar as dificuldades, tanto do professor quanto do aluno, acrescenta o pesquisador. Outro ponto importante no processo de aprendizagem dos alunos é a questão do *feedback* da avaliação. “Sem *feedback* não há uma comunicação pedagógica” complementa o autor.

O livro está dividido em quatro capítulos, organizada em mais de 220 páginas, além de um prefácio escrito pelo professor e também pesquisador da educação António Nóvoa, uma seleção de publicações na área de avaliação das aprendizagens e as referências bibliográficas. Cada capítulo apresenta uma discussão bastante útil para professores da educação básica e superior, como também para pesquisadores que queiram aprofundar suas reflexões sobre avaliação e educação. Desse modo, no conjunto, o leitor pode compreender o significado e a importância dos processos de avaliação das aprendizagens.

Em seu prefácio, o professor Nóvoa inicia afirmando que “a avaliação é a peça central da ‘modernidade escolar’”, o qual tomamos emprestado como título desta resenha. Na modernidade, a avaliação torna-se algo intrínseco à educação, ela faz parte de todo processo educativo. Contudo, em muitos casos, ela passa a ser um instrumento de pressão e classificação, sem um olhar mais incisivo sobre o processo de cada estudante. Daí sua concepção negativa. E nenhum outro tema, em educação, deu origem a tantos estudos e pesquisas. De simples instrumentos e sofisticados testes padronizados, muitos foram as formas de se conceber a avaliação como método eficaz de “medir” o aprendizado dos alunos.

É preciso, portanto, (re)pensar a avaliação e sua dimensão pedagógica de forma a utilizar-se deste instrumento e de seus resultados inteligentemente. A avaliação funciona como um processo de “análise e acompanhamento permanente” do que está se ensinando, cujo resultado deve mobilizar a todos para uma reflexão-ação, isto é, uma intervenção que “contribua para construir uma avaliação coerente e formativa”. Desse modo, a “nova concepção de avaliação, enriquecida pelas teorias de aprendizagem têm posto em causa muitas das nossas crenças tradicionais”. Uma pergunta fica no ar: “será que seremos capazes de conceber práticas de avaliação que não se limitem a reproduzir ‘modelos do passado’?” indaga Nóvoa. Material importantíssimo para professores e pesquisadores da área de educação.

Segundo Fernandes, nos últimos trinta anos houve uma diversificação da população escolar, obrigando os sistemas de ensino a se readaptar à realidade. No entanto, ainda persistem rotinas escolares que são difíceis de mudar, mas não impossíveis. Esse “mal-estar com os processos, os conteúdos e os resultados de muitos sistemas educativos” mostram o quanto importante é refletir sobre as práticas e a formação dos professores. Daí a importância de se

estudar a avaliação.

De acordo com o professor, “a avaliação das aprendizagens pode ser entendida como todo e qualquer processo deliberado e sistemático de coleta de informação, (...) acerca do que os alunos sabem e são capazes de fazer em sua diversidade de situações” (p.20). Portanto, “a avaliação das aprendizagens inclui a avaliação de conhecimentos, de desempenho, de capacidades, de atitudes, de procedimentos ou de processos mais ou menos complexos” (p.21).

Dessa forma, a avaliação deve ser utilizada como instrumento de monitoramento do progresso dos alunos, e não como uma espécie de receituário, com modelos estanques, prontos, finalizados que só forneçam dados sem utilidade. O desafio está em utilizar a avaliação para melhorar o ensino e a aprendizagem dos alunos. Assim sendo, a obra se apresenta como “um grito inconformado perante sistemas educacionais que continuam, todos os anos, a permitir que milhões de alunos percam o interesse pela escola, sejam reprovados, ou simplesmente, a abandonem” (p.23).

Todos sabemos que a escola tem problemas que se arrastam há anos, seja em relação ao seu funcionamento ou à sua organização, mas também todos sabemos que é possível melhorar. A pergunta que fica é: o que cada um de nós pode fazer ou contribuir para melhorar? Está lançado o desafio: como construir uma escola que valha a pena ensinar, aprender e viver?

O livro apresenta uma reflexão aprofundada relativa à avaliação escolar. Começa com uma contextualização sobre o tema e sua problemática na modernidade. Seu título *Três razões suficientes para mudar a avaliação* parte da ideia de que o atual sistema de ensino serve para classificar e certificar. Tal “modelo” deve ser (re)pensado. Para isso, o currículo e a formação dos professores também devem entrar nas discussões. Ainda no primeiro capítulo, o autor apresenta dois “modelos” de avaliação presentes nos sistemas de ensino: um voltado para ajudar o aluno em sua aprendizagem, isto é, utilizam a avaliação como meio formativo e outro que foca na classificação e certificação. É sobre esta cultura que os sistemas de ensino estão organizados. Desse modo, é importante perceber quais concepções pedagógicas é que norteiam ou sustentam tais visões sobre a avaliação. A primeira *razão* apontada pelo autor vincula-se ao desenvolvimento das teorias da aprendizagem construídas durante o último século. A segunda *razão* indica as mudanças ocorridas nos últimos trinta anos nos currículos escolares, influenciadas pelos reflexos políticos, econômicos e sociais, além dos ritmos reformistas dos recentes governos. Já a terceira *razão*, proposta pelo autor centra-se na democratização dos sistemas educativos. “O acesso de todas as crianças e jovens ao bem da educação é uma conquista das sociedades democráticas”, e isso impacta enormemente o ambiente escolar, sua estrutura e organização. Nesses ambientes, a “avaliação, quando convenientemente planejada, tem um impacto muito relevante nos sistemas educativos” (p.40).

No segundo capítulo o olhar se volta para a avaliação interna, ou seja, aquela feita dentro dos muros escolares. O título é *Avaliação interna: dos fundamentos e das práticas*.

Neste capítulo, o autor retoma a conversa sobre as diferenças entre uma avaliação tipicamente psicométrica e outra mais formativa, designada por ele de *avaliação formativa alternativa*. Retomando uma discussão feita por Guba e Lincoln (1989), o professor chama a atenção para quatro gerações de avaliação: a primeira como medida, a segunda como descrição, a terceira como juízo de valor e a quarta como negociação e construção. Esta última seria uma espécie de ruptura com as três anteriores. Como as quatro gerações, a partir da visão do autor, possuem dificuldades e incongruências, a opção feita é por um “modelo alternativo”, denominado *avaliação formativa alternativa*. Assim, a “avaliação formativa alternativa é um processo eminentemente pedagógico, plenamente integrado ao ensino e à aprendizagem, deliberado, interativo, cuja principal função é a de regular e de melhorar as aprendizagens dos alunos” (p.59). São avaliações formativas porque prestam atenção aos processos de interação nas salas de aula e de aprendizagem dos alunos, integrando novas teorias e novos modelos para enfrentar velhos problemas dos sistemas educativos.

O capítulo seguinte é dedicado às avaliações externas. A constatação é a de que em muitos países há uma insatisfação com a qualidade do ensino ofertado nas escolas, públicas e particulares. Para resolver o problema, governos e órgãos gestores da educação se lançam em movimentos reformistas que pouco ajudam efetivamente na mudança ou na melhoria da qualidade do ensino. Daí a necessidade de se instituir parâmetros (ou critérios) que possam mensurar a qualidade da educação. Enquanto no capítulo anterior a avaliação estava dentro da escola, agora ela se projeta para fora dos muros escolares, e também para além fronteira. Trata-se, pois, de avaliações aplicadas nacionalmente num país ou por organismos internacionais financiados pela OCDE, produzindo um certo ranqueamento dos países participantes. “Repare-se que, em princípio, governos, políticos, escolas, gestores escolares, professores, pais e alunos estão todos interessados na avaliação, precisam dela ou utilizam-na, mais ou menos sistematicamente, de diversas formas” (p.21). Os governos buscam estabelecer “padrões” para formulação de políticas públicas, as escolas buscam índices de aprovação e captação de alunos e os professores e pais a usam para monitorar o progresso dos alunos. A avaliação externa é da responsabilidade e iniciativa de entidades exteriores à escola, mas que exercem profundo impacto nos currículos escolares nacionais, uma vez que influenciam a opinião pública, os meios acadêmicos e as próprias políticas educacionais.

O quarto capítulo é dedicado a *Investigação, formação, práticas e políticas: uma agenda, muitos desafios*. Para o autor, não se trata de uma “agenda exaustiva ou fechada”. Sua intenção ao propor uma agenda é colocar o tema da avaliação em pauta para discussão, de forma a contribuir com ideias para possíveis soluções dos problemas. Todo este esforço reflexivo é resultado da extensa experiência acumulada durante os anos de docência na educação básica agregado a vivência de pesquisador e formador na educação superior. Dessa forma, complementa o autor, “possamos conjugar esforços da formação, da investigação e das práticas

que se traduzam em linhas de ação política mais fundamentadas que ajudem a consolidar o que tem funcionado bem, a melhorar o que tem funcionado menos bem e a pôr para funcionar o que, muito simplesmente, não tem funcionado” (p.28).

Por fim, o professor Domingos Fernandes apresenta uma seleção de publicações na área da avaliação das aprendizagens como anexo a toda esta discussão, de forma a dar indicações para outros pesquisadores e estudiosos da avaliação a respeito do que se já tem publicado sobre o tema. Apresenta autores anglo-saxões, francófonos e espanhóis, além de autores portugueses. Com certeza, uma valiosa contribuição aos países, governos, sistemas de ensino, gestores escolares, professores, pesquisadores e demais interessados no tema avaliação.

É preciso olhar para a avaliação de outra maneira. É preciso alterar o rumo das políticas educacionais sobre avaliação. Como também é preciso saber coordenar e articular bem todas as modalidades de avaliação. Quanto mais instrumentos os interessados no assunto tiverem, melhor será o *feedback* para os destinatários da avaliação. “Se conseguirmos fazê-lo poderemos alterar de modo significativo o atual estado da educação, contribuindo decisivamente para que crianças e jovens entrem em um outro patamar de desenvolvimento, bem diferente de uma certa mediocridade que se instalou e teima em persistir” (p. 163). Por isso, “a avaliação formativa é com certeza um elemento-chave no desenvolvimento do sucesso educativo, finaliza o pesquisador.

A obra, em sua totalidade, se apresenta como leitura recomendada para a compreensão dos processos e sistemas avaliativos, bem como se situar diante da angústia de se avaliar outro ser humano. Domingos Fernandes é, com certeza, uma voz que se destaca no complexo mundo da pesquisa sobre avaliação. Por isso, os leitores que se dispuserem a dedicar um tempo a leitura desta obra, certamente, irão jogar o jogo do ganha-ganha, mudando sua visão sobre avaliação das aprendizagens.

\*Luiz Dalmacir da Silveira é pesquisador no programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação da Universidade Cidade de São Paulo (UNICID) na área de Avaliação e Políticas Públicas.

Data de Submissão:03/10/2019

Data de Aceite:15/01/2020